

Igreja Católica e Homossexualidade: conflitos e perspectivas

Catholic Church and Homosexuality: Conflicts and Perspectives

Maria Cristina Leite Peixoto

RESUMO

Em tempos de profundas mudanças no campo religioso mundial, cada vez mais diversificado e tendente à destradicionalização, a Igreja Católica vem procurando minimizar as perdas sofridas e resgatar parte do seu prestígio e poder de atração sobre os fiéis contemporâneos. No entanto, no que tange à moral sexual tem se mostrado reticente em termos do estabelecimento de conexões com os propósitos de renovação e adequação aos “novos” tempos, anunciados desde o Concílio Vaticano II². Esse texto reflete sobre as mudanças e resistências da Igreja, particularmente em termos da moral sexual, da homossexualidade e de iniciativas em prol da liberdade e autonomia nesse campo por parte dos fiéis de hoje, tendo como referência a documentação oficial da Igreja.

Palavras-chave: Pastoral da Diversidade. Homossexualidade. Catolicismo.

ABSTRACT

Times of profound changes in the world of religions, the Catholic Church has sought to minimize its losses and to reclaim part of its prestige and power of attraction over the contemporary faithful. However, with regard to sexual morality, it has been reticent in terms of establishing connections with the purposes of renewal and adaptation to the "new" times announced since the Second Vatican Council. This text reflects on the changes and resistances of the Church, particularly in terms of sexual morality, homosexuality and initiatives for freedom and autonomy in this field by today's faithful, with reference to the official documentation of the Catholic Church.

Keywords: Pastoral of Diversity. Homosexuality. Catholicism.

¹ Doutora em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professora da Universidade FUMEC de Belo Horizonte. Contato: mcrislep@fumec.br. Submetido em: 09/06/2018; aceito em: 30/12/2020.

Pode-se dizer que desde o Concílio de Trento, no século XV, a Igreja praticamente não mudou seu discurso sobre a sexualidade e passados mais e quinhentos anos ela se encontra diante de temas mundanos que se apresentam nos cultos religiosos e de questões de ordem extra religiosa que se colocam na pauta cotidiana dos seus fiéis, trazendo consequências para a configuração institucional da religião e para a permanência na igreja. A Igreja Católica, especializada na reprodução de tradições, solidariedades e identidades, torna-se na contemporaneidade impelida a tematizar novas questões, atrair novos atores, publicizar e submeter ao debate temas até então indiscutíveis.

A resposta a estas questões deu-se não na forma da abertura para o mundo, mas sim como a reafirmação de preceitos, sobretudo morais, a partir do pontificado de João Paulo II (1978-2005), líder de um projeto neoconservador que foi se fortalecendo e se manifestando hostil à "Teologia da Libertação"³ e francamente incentivador das práticas da Renovação Carismática. A evangelização tornou-se o ponto central da ação católica daí por diante, como alternativa a qualquer teologia "politizada" - como se as ações conservadoras não tivessem esse caráter - e como estratégia de enfrentamento ao crescimento vertiginoso dos pentecostais. Uma estratégia moralista, no que tange aos direitos individuais, notadamente os sexuais e os reprodutivos, foi sendo afirmada oficialmente. Várias ações institucionais foram empreendidas com o intuito de "restaurar" a luta contra o aborto, contra o livre exercício da sexualidade, contra o divórcio, contra as políticas de planejamento familiar, cobrando da mulher o controle da sexualidade e a valorização da castidade. O atual Papa Francisco, que completou cinco anos de pontificado em 2018, deu sinais de novos ares, mas na prática muito pouco se avançou com relação à discussão desses assuntos no âmbito da igreja.

A intenção de controle da vida privada dos indivíduos tem se mostrado incapaz de garantir o acatamento por parte dos fiéis. Ao contrário, a inobservância sistemática de preceitos a ela relacionados no mundo contemporâneo, mesmo por parte dos que se dizem católicos praticantes, mostra sua incompatibilidade com as necessidades daqueles que vivem no mundo de hoje.

Isso não se explica somente pelo conservadorismo da Igreja. Se a disposição anunciada antes pelo Concílio Vaticano II de fazer com que a Igreja Católica relativizasse sua tradicional posição contra cultural à modernidade e estimulasse o primado da consciência na tomada de decisões morais foi um passo importante no sentido da tentativa de adequação entre mundos distintos, as consequências práticas foram paradoxais. A juventude, por exemplo, alvo do discurso da Igreja pós João Paulo II, não se dedica mais só à espiritualidade. Após um longo período de preponderância da experiência religiosa individual, ganhou impulso o engajamento social do jovem, cujas bandeiras são, dentre outras, o respeito às diferenças, a diminuição da violência e o fortalecimento de uma economia mais solidária. O incentivo à autonomia individual na tomada de decisões afastou fiéis da igreja assim como a aproximação dos problemas mundanos foi vista como negligência espiritual, acarretando no mesmo efeito.

A onda conservadora que incentivou o catolicismo carismático, talvez em resposta à demanda de membros da igreja por espiritualidade e aproximação da dimensão estritamente religiosa, também afastou católicos desejosos de maior atuação social da igreja, os quais passaram, cada vez mais, a desconsiderar os absolutos morais e a se mostrarem vulneráveis aos apelos "mundanos", com multiplicação de estilos de vida e relativização crescente de normas de comportamento sexual e de posicionamentos dissonantes na matéria. Para citar algumas das manifestações dessa natureza, lembremos de organizações como as Católicas pelo Direito de Decidir (CDD), que defende as possibilidades de divergir das posições do papa sobre costumes, e grupos brasileiros como o Diversidade Católica (RJ), composto por gays católicos que se

³ Movimento originário da Conferência de Medellín, em 1968, que reuniu os bispos da América Latina e afirmou uma "opção preferencial pelos pobres", por parte da Igreja.

reúnem a cada 15 dias e que conta com a colaboração de padres e teólogos para conciliar as identidades religiosa e sexual, “numa demonstração de que tabus, como a homossexualidade, agora encontram espaço para discussão entre os fiéis”, de acordo com matéria publicada na revista *IstoÉ*, em julho de 2013.

Diante disso, este artigo propõe uma reflexão sobre a moral sexual católica, no que tange particularmente à questão do tratamento da homossexualidade, tal como aparece em documentos oficiais. Ao que tudo indica, a postura eclesial dominante seguiu presa ao um processo lento de mudanças, muito aquém da dinamicidade das sociedades contemporâneas.

Se faz parte das necessidades dos indivíduos a dimensão transcendente, na maioria das vezes representada por uma crença religiosa, a homossexualidade ainda pode significar um fator de segregação e de sofrimento para muitos católicos, principalmente para aquelas que desejam continuar a expressar sua fé sem abrir mão de sua orientação sexual.

A cultura religiosa na sociedade contemporânea assume forma mais fluida e híbrida, abarcando identidades que se vinculam a várias referências e não unicamente a uma classe social, religião ou ao trabalho. Faz-se necessária a reorganização dos cenários culturais, sistematizando novas relações materiais e simbólicas e criando outros formatos de vínculos entre os grupos (CANCLINI, 1997). Uma tradição que teima se vê como única fonte moral legítima, que se quer imutável desconsidera que outros sistemas simbólicos mais dinâmicos em que as várias referências identitárias possam coexistir e participar da vida social tornam-se atrativos. Isso, somado à liberdade de expressão e autonomia de indivíduos contemporâneos torna-os aptos para novas escolhas, inclusive abrir mão da profissão de fé ou religião que receberam como herança familiar ou por outro tipo de imposição social.

Os indivíduos contemporâneos parecem mais determinados em viver a própria identidade, sem carregar o fardo de um enquadramento obrigatório no modelo heteronormativo e, ao mesmo tempo, sem abrir mão de suas crenças. Porém, assumir esta postura pode significar ainda se colocar em uma fronteira, num “entre lugar”. É como viver um processo de transição, com apegos ao passado, mas já vivenciando a conquista de uma nova fase. Conforme afirma Bhabha (1998, p.19-20):

Nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do ‘presente’, para as quais não parece haver nome próprio além do atual e controvertido deslizamento do prefixo “pós”: *pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-feminismo...* Esses “entre lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.

Nas igrejas cristãs de confissão católica, uma discussão das mais polêmicas acontece em torno da homossexualidade. Diferentes orientações e práticas sexuais começam a ser socialmente aceitas, ainda que fora do padrão heteronormativo e hegemônico tradicional, no qual o comportamento sexual “natural” é o monogâmico e heterossexual. Dessa forma, em conformidade com os preceitos católicos, homossexuais, transexuais, bissexuais ou assexuados ainda são representados discursivamente pelas instituições eclesiais de modo análogo aos “colonizados” pois, na prática, são considerados degenerados, “em pecado”, criticados por não fazerem filhos e não merecedores de uma inclusão aberta e digna no espaço da instituição eclesial. Segundo Hall (2016, p.111):

O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a

justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução. Apesar do jogo de poder no interior do discurso colonial e das posicionalidades deslizantes de seus sujeitos (por exemplo, efeitos de classe, gênero, ideologia, formações sociais diferentes, sistemas diversos de colonização, e assim por diante), estou me referindo a uma forma de governamentalidade que, ao delimitar uma “nação sujeita”, apropria, dirige e domina suas várias esferas de atividade.

No caso dos homossexuais, a discriminações a prática da homofobia continuam na igreja, tal como observa o padre James Martin, jesuíta e consultor da revista *America*, autor do livro *Building a Bridge* (2017)⁴.

Segundo o padre, defensor da causa LGBT, ainda se observa a tendência, em algumas instituições religiosas, de demitir homossexuais, o que considera o exercício de uma autoridade altamente seletiva. De acordo com o religioso

Quase todas as demissões nos últimos anos centraram-se sobre funcionários que oficializaram casamentos gays. Claro, tais uniões são contra o ensinamento da Igreja, mas, então, as dioceses e paróquias precisam ser coerentes. Também vamos demitir os divorciados que se casaram novamente sem uma anulação? Vamos afastar mulheres que têm filhos fora do casamento? E o que acontece com aqueles que vivem em união estável? Todas essas coisas também são contrárias à doutrina da Igreja. [...] Jesus sempre chegou perto das pessoas que se sentiam às margens e as trouxe de volta ao centro da comunidade. Às margens é onde os gays se sentem. São os leprosos de hoje.

Do ponto de vista dos direitos à liberdade de culto e à livre orientação sexual e identidade de gênero, as instâncias civil e laica parecem estar mais acolhedoras em suas posturas e políticas. Grande parte dos esforços do Estado e da sociedade organizada têm sido, neste sentido, em reconhecimento da pluralidade e de uma conquista da garantia de igualdade na diversidade. Ortiz argumenta que, nessas instâncias “a sensibilidade pelo diverso funciona, assim, como um mecanismo intelectual poderoso” (2015, p. 106). Desta forma, o autor fomenta ainda uma discussão acerca do valor da tolerância, como pressuposto básico do relativismo cultural, sendo a aceitação de códigos diversos de uma sociedade uma condição para mútua sobrevivência da democracia.

A discussão neste artigo busca então perceber como se apresenta o hiato entre essas conquistas no campo laico e a postura da doutrina católica. Quais seriam as possíveis questões emergentes desse hiato na convivência dos indivíduos de grupos LGBTQ+⁵ com a comunidade de fé católica? Permanece a distância entre a vivência dos fiéis e o que prega a instituição? Há esforços para reduzi-la? Que tipo de “hibridismo moral” é elaborado pelos indivíduos nessa situação? Em busca da resposta a estas questões, retomamos alguns textos oficiais da doutrina

⁴ Construindo uma ponte, em tradução livre, tendo como tema o diálogo entre a igreja e a comunidade LGBT. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/570160-james-martin-a-homossexualidade-a-ponte-a-ser-construida-na-igreja-catolica>. Acesso em 21/04/2018.

⁵ Apesar das recentes e controversas atualizações da sigla LGBT, já com uma proposta que chega a 12 caracteres, optou-se neste artigo pelo termo LGBTQ+. Formato que nos parece ser uma forma de simplificar e representar todas as pessoas que se sentem fora do modelo binário, heteronormativo. A letra Q pode significar “queer” ou “questionamento” e o sinal de soma (+) é usado para significar qualquer pessoa não literalmente L, G, B ou T, produzindo outras variantes.

católica para confrontá-los com as demandas da sociedade contemporânea acerca da diversidade sexual.

Moral sexual católica e homossexualidade

A teologia moral católica e os documentos oficiais da Igreja Católica reconhecem a complexidade das questões sobre a diversidade sexual, com especial ênfase na homossexualidade. Afinal, as discussões acerca de ideologia de gênero e dos novos desdobramentos das siglas GLS, LGBT, LGBTI, LGBTQQ, LGBTQ+ são mais recentes. O contexto geral dos documentos oficiais do magistério católico parece não sair muito do discurso heteronormativo, reconhecendo somente as relações sexuais entre homem e mulher, bem como o matrimônio entre eles para a constituição do núcleo familiar como sendo instituições naturais e agradáveis a Deus.

Tendo como ponto de partida o documento conclusivo do encontro em Medellín, no ano de 1968, nele há o reconhecimento das mudanças socioculturais na direção da emancipação, libertação diante de qualquer servidão, de maturação pessoal e de integração coletiva, representada como os “prenúncios do parto doloroso de urna nova civilização” e como exigências para a igreja. Com este propósito, na América Latina, a igreja afirma sua vocação original para construir uma síntese do antigo e o moderno, o espiritual e o temporal.

Por conseguinte, há, no nível discursivo, a constatação de um processo de transformação cultural e religiosa em curso, o que colocava desafios e dificuldades à evangelização do continente, agravadas diante da explosão demográfica, das migrações internas, das modificações socioculturais.

O diagnóstico da atuação histórica da igreja é severo, caracterizada pela dominação de uma pastoral conservadora, mas também reconhecida como adequada a “uma época em que as estruturas sociais coincidiam com as estruturas religiosas, em que as instâncias de transmissão dos valores (família, escola...) estavam impregnados de valores cristãos e onde a fé se transmitia quase pela própria força da tradição(p. 29). Enfim, a conclusão é da exigência de revisão dessa pastoral, a fim de que a igreja se adapte à *diversidade e pluralidade culturais do povo latino-americano*. (Destaque nosso). Este povo, por sua vez, era visto como portador de uma conduta moral criticável e com baixa adesão à Igreja.

Frente a essa religiosidade se apresentava para a Igreja um dilema, expresso à época do documento da seguinte forma: ou continua a ser Igreja universal ou converte-se em seita e, portanto, não incorpora os indivíduos latino-americanos. Mas por ser Igreja e não seita, deveria oferecer sua mensagem de salvação a todos os homens, correndo, talvez, o risco de que nem todos a aceitassem da mesma forma e com a mesma intensidade.

2.1- A família e a juventude

As reflexões sobre a realidade da família e da juventude são o material que mais se aproxima do tema homossexualidade e que nos permite inferir sobre os valores defendidos pela igreja sobre a orientação homossexual, uma vez que o termo não aparece sequer uma única vez no texto conclusivo do encontro de Medellín.

A família é reconhecida como a instituição mais atingida pelos impactos das mudanças e transformações sociais. Na América Latina, são indicados os principais problemas que podem ser relacionados indiretamente com a homossexualidade: 1)baixíssimo índice de casamentos, o que aponta para uma “alta porcentagem de uniões ilegais, aleatórias e quase sem estabilidade, com todas as consequências que derivam de tal situação”; 2) alta porcentagem de nascimentos ilegítimos e de uniões ocasionais como fator de peso sobre a explosão demográfica, tema importante para a igreja naquele momento histórico; 3)crescente e alto índice de desagregação familiar, seja pelo divórcio, aceito e legalizado em muitos locais, seja por abandono do lar (quase sempre por parte do pai), seja pelas *desordens sexuais nascidas de uma falsa noção de*

masculinidade. [*Destaque nosso*]; 3) o hedonismo e o erotismo estimulados pela propaganda massiva, própria da civilização de consumo.

As proposições dos participantes do encontro passam pela criação de uma situação favorável às comunidades “conjugal e familiar” pelo estímulo à promoção do matrimônio e da família, pela denúncia de qualquer política fundada em controle indiscriminado da natalidade, pela valorização do respeito à pessoa, especialmente os pobres e os marginalizados, pela valorização da vida, do amor conjugal, por um “humanismo novo, livre do erotismo da civilização burguesa”, pela condenação ao uso de meios artificiais para evitar filhos sem negar a limitação da natalidade o uso de meios terapêuticos legítimos, bem como outras iniciativas de caráter científico desenvolvidas para ajudar casais em dificuldades.

Para a juventude o recado é moderação com relação ao idealismo e à rejeição exagerada dos valores da tradição.

Finalmente, o texto apresenta um conjunto de valores a serem praticados no plano da relação comunitária: certas formas de responsabilidade, desejo de autenticidade e de sinceridade na *aceitação dos outros tais como são* (destaque nosso) e um *franco reconhecimento do caráter pluralista da sociedade* (destaque nosso).

Em documentos posteriores ao considerado até aqui, a evolução do tratamento oficial do tema da homossexualidade na Igreja Católica segue o trajeto que passamos a considerar.

Na declaração sobre alguns pontos de ética sexual, *Persona Humana* (1975)⁶ - documento pontifício da Congregação para a Doutrina da Fé – podemos perceber o rigor no texto em favor da rejeição à homossexualidade. No item 8 o texto afirma que:

Segundo a ordem moral objectiva, as relações homossexuais são actos destituídos da sua regra essencial e indispensável. Elas são condenadas na Sagrada Escritura como graves depravações e apresentadas aí também como uma consequência triste de uma rejeição de Deus. Este juízo exarado na Escritura Sagrada não permite, porém, concluir que todos aqueles que sofrem de tal anomalia são por isso pessoalmente responsáveis; mas atesta que os actos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados e que eles não podem, em hipótese nenhuma, receber qualquer aprovação.

O documento apresenta uma distinção entre a homossexualidade como “tendência transitória” – em princípio reversível pela pedagogia ou terapia - e outra como sendo de “condição definitiva, por força de uma espécie de instinto inato ou de uma constituição patológica considerada incurável”. Aponta esta dicotomia como sendo uma contribuição das ciências sociais, fazendo distinção entre ser e agir, o que seria um avanço no campo moral e jurídico. Neste caso o julgamento moral pesa não sobre a pessoa, mas sobre o agir, no caso dos homossexuais que optem por exercer sua sexualidade no plano homogenital.

Onze anos depois, quando a cultura do “orgulho gay” começa a ganhar força no Brasil, a Congregação para a Doutrina da fé lança a *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre o*

⁶ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. A mais antiga das nove congregações da Cúria Romana, substituiu a *Suprema e Sacra Congregação do Santo Ofício*, antes chamada de *Suprema e Sacra Congregação da Inquisição Universal* da Idade Moderna, responsável pela criação da Inquisição. Sua função é “*promover e salvar a doutrina sobre a fé e a moral católica em todo o mundo: Por esta razão, tudo aquilo que, de alguma maneira, tocar este tema cai sob a sua competência.*” Cf. *Persona humana: declaração sobre questões de ética sexual*, 1975. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_on_cfaith_doc_19751229_persona-humana_po.html. Consulta em 08/05/2018.

atendimento pastoral das pessoas homossexuais (1986)⁷. O documento levanta a preocupação com a dignidade da pessoa homossexual e com a defesa dos direitos humanos básicos, ressaltando a necessidade de proteger a todos contra o preconceito e a violência. Por outro lado, insiste na defesa do padrão heteronormativo, defendendo o matrimônio como único contexto lícito para o usufruto da faculdade sexual. O documento (item 7) afirma também que:

A atividade homossexual não exprime uma união complementar, capaz de transmitir a vida, e, portanto, contradiz a vocação a uma existência vivida naquela forma de autodoação que, segundo o evangelho, é a essência mesma da vida cristã. [...] Como acontece com qualquer outra desordem moral, a atividade homossexual impede a autorrealização e a felicidade porque é contrária à sabedoria de Deus. [...] Uma pessoa que se comporta de modo homossexual age imoralmente.

O *Catecismo da Igreja Católica* (1992)⁸, que vigora até o presente momento, reconhece que “a homossexualidade se reveste de formas muito variáveis ao longo dos séculos e das culturas”. Traz um discurso pautado na misericórdia e na acolhida, “com respeito, compaixão e delicadeza” (item 2358). Afirma que se deve evitar “todo sinal de discriminação injusta” para com as pessoas homossexuais. Porém, novamente o tema é tratado com a distinção entre o ser e o agir, evidenciando a necessidade de uma renúncia aos contatos físicos homossexuais. Estes são definidos como “intrinsecamente desordenados” (...) “contrários à lei natural” (...) “fecham o ato sexual ao dom da vida” (...), “não procedem de uma complementaridade afetiva e sexual verdadeira” (item 2357). Todo este discurso culmina na exortação e convite para que as pessoas homossexuais pratiquem “virtudes de autodomínio, educadoras da liberdade interior” pois elas “são chamadas à castidade”. Desta forma elas “podem e devem se aproximar, gradual e resolutamente, da perfeição cristã” (item 2359).

Outro importante e atual documento eclesial vem do Pontifício Conselho de Justiça e Paz: é o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (2004)⁹. Nas breves linhas em que aborda o tema da homossexualidade, reforça a legitimidade da união somente entre homem e mulher e menciona as uniões homoafetivas como problemáticas e imorais. Afirma que somente uma antropologia que corresponda à verdade do homem revela “como é incongruente a pretensão de atribuir uma realidade conjugal à união entre pessoas do mesmo sexo”. Conclui dizendo que “é só na união entre duas pessoas sexualmente diferentes que se pode realizar o aperfeiçoamento do indivíduo, numa síntese de unidade e de mútua complementação psicofísica”. (Item 228).

O documento traz também o tom de acolhida e misericórdia quando afirma que “a pessoa homossexual deve ser plenamente respeitada na sua dignidade humana”. Porém, volta

⁷ CARTA aos bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais, Congregação para a Doutrina da Fé, 1986. In: http://www.vatican.va/roman%20curia/http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.htm Consulta em 08/05/2018.

⁸ CARTA Apostólica *Laetamur Magnopere* – Constituição Apostólica *Fidei Depositum*. Catecismo da Igreja Católica, 1992, Capítulo II, artigo 6º, itens 2357 a 2359. In: http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html. Consulta em 08/05/2018.

⁹ COMPÊNDIO da Doutrina Social da Igreja, Pontifício Conselho Justiça e Paz, 2004, Capítulo V, item 228. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html. Acesso em 09/05/2018.

com o discurso de que a pessoa homossexual deve ser “encorajada a seguir o plano de Deus com um empenho particular no exercício da castidade”. E continua ressaltando que “o respeito que se lhes deve não significa legitimação de comportamentos não conformes com a lei moral, nem tampouco o reconhecimento de um direito ao matrimônio entre pessoas do mesmo sexo, com a conseqüente equiparação de tal união à família”. Concluindo, afirma que se, do ponto de vista legal, o matrimônio entre duas pessoas de sexo diferente for considerado apenas como um dos matrimônios possíveis, o conceito de matrimônio sofrerá uma alteração radical, “com grave prejuízo para o bem comum. Colocando a união homossexual num plano jurídico análogo ao do matrimônio ou da família, o Estado comporta-se de modo arbitrário e entra em contradição com os próprios deveres” (item 228).

Do Papa Francisco, temos um documento recente que aborda o tema; a Exortação Apostólica intitulada “A alegria do amor”¹⁰. Ele trata das diretrizes para a vivência do amor e da moral nas relações familiares católicas. O tom de abertura, integração e acolhimento para com os homossexuais e divorciados se faz presente, assim como uma exortação a uma atitude pastoral de menos julgamentos e mais compreensão. Porém, ainda reforça os pontos da doutrina conservadora com base no padrão heteronormativo, no qual o ideal de amor conjugal é a união entre pessoas de sexos opostos.

A igreja tem agido então, de modo a se defender da cosmovisão secular contemporânea sobre a homossexualidade. Parte de seus representantes oficiais recusa-se a acompanhar a mudança de padrões interativos, em nome de uma hermenêutica que não é progressista, mas conservadora e que, contudo, ao mesmo tempo em que condena a homossexualidade diz acolher os homossexuais “não praticantes” para usar uma terminologia conhecida pela igreja. Em geral, transita entre essas

A caminho de uma nova moral sexual?

No campo da ciência e dos direitos civis muito progresso pode ser constatado nas últimas décadas. Exemplo disto é que a OMS - Organização Mundial de Saúde desde 1993 retirou a homossexualidade do rol de doenças e o Conselho Federal de Psicologia no Brasil em 1999 proclamou que a homossexualidade não constitui enfermidade, nem distúrbio e nem perversão, proibindo a prática da “cura” dessa orientação sexual por psicólogos (FURTADO, 2010). A contribuição das ciências, de modo geral, deu-se ao considerar que a homossexualidade pode ser o resultado de diversas causas, tanto de fatores biológicos como ambientais e socioculturais. Os avanços das contribuições da ciência para o entendimento da questão vão desde a Medicina à Genética, da Psicanálise à Sexologia, assim como à Bioética. A princípio, para a Igreja Católica estes avanços não parecem muito significativos, pois assimila parte deles, absorvendo basicamente a palavra da ciência quando por vezes afirma que a pessoa, de modo geral, não escolhe ser homossexual.

Por outro lado, se considerarmos os pronunciamentos e declarações não oficiais do Magistério Católico, na pessoa de bispos e padres, e a influência de renomados moralistas e teólogos, ainda que de outras denominações cristãs, perceberemos um apelo por uma moral sexual mais justa. Este processo não deixa de criar tensões e conflitos, tais como o que envolveu o teólogo e padre católico Marciano Vidal. Ele foi alvo de uma notificação oficial da Congregação

¹⁰ EXORTAÇÃO Apostólica Pós-sinodal. **A alegria do amor** – sobre o amor na família. 2016. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html. Acesso em 25/10/2017.

para a Doutrina da Fé¹¹, na qual foi questionado por alguns de seus escritos, num processo que durou de dezembro de 1997 a junho de 2000. O processo passou por um longo período de discussões entre os bispos da Congregação para a Doutrina da Fé, os superiores da Congregação do Santíssimo Redentor – na qual o teólogo e padre está inscrito – e ao fim, o teólogo e padre acatou as contestações e se comprometeu a reelaborar os textos de acordo com a doutrina oficial católica. A notificação traz a seguinte afirmação:

Consequencial ao modelo moral assumido é a atribuição de um papel insuficiente à Tradição e ao Magistério moral da Igreja, que são filtrados com frequentes opções e preferências do Autor. Do comentário à Encíclica *Veritatis Splendor*, de modo especial, resulta uma lacunosa concepção da competência moral do Magistério eclesiástico. O Autor, embora diga aos leitores qual é a doutrina da Igreja, afasta-se criticamente da mesma na solução que apresenta a vários problemas de moral especial (...) (NOTIFICAÇÃO da Congregação para a Doutrina da Fé).

O texto da referida notificação é uma demonstração da postura do magistério da igreja e da complexidade no campo da moral sexual católica que vacila entre o acolhimento e a rejeição da homossexualidade em um discurso ambivalente que, de fato, desorienta mais do que indica um caminho para quem se vê nessa condição. Vale a pena trazer aqui mais um breve trecho do documento, referenciando a questão da homossexualidade:

O Autor é da opinião que a doutrina da Igreja sobre a homossexualidade tem uma certa coerência, mas carece de suficiente fundamento bíblico e se ressentido de importantes condicionamentos e ambiguidades. Nela se encontram os defeitos que estão presentes «em todo o edifício histórico da ética sexual cristã». Na apreciação moral da homossexualidade — acrescenta o Autor — há que «adoptar uma atitude de provisoriedade», e depois «deve-se formular em chave de pesquisa e de abertura». Tratando-se de um homossexual irreversível, o juízo cristão coerente «não passa necessariamente através da única via de saída de uma moral rígida: passagem à heterossexualidade ou abstinência total». Tais juízos morais não são compatíveis com a doutrina católica, segundo a qual existe uma avaliação precisa e firme sobre a moralidade objectiva das relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo. O grau de imputabilidade moral subjectiva que tais relações podem ter em cada caso individual é uma questão que não está aqui em discussão. (NOTIFICAÇÃO da Congregação para a Doutrina da Fé).

Recentemente outro fato polêmico na perspectiva da moral católica foi noticiado pelo repórter do portal G1, Igor Jácome, [2017]¹². O bispo de Caicó, Dom Antônio Carlos Cruz Santos, um dos principais líderes da Igreja Católica no Rio Grande do Norte afirmou que "o evangelho por excelência é evangelho

¹¹ NOTIFICAÇÃO sobre alguns escritos do R.P. Marciano Vidal, C.Ss.R. Congregação para a Doutrina da Fé. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20010515_vidal_po.html. Acesso em 11/05/2018.

¹² JÁCOME, Igor. **Bispo diz que homossexualidade é dom de Deus e gera polêmica entre fiéis**. Portal G1. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/no-rn-bispo-diz-que-homossexualidade-e-dom-de-deus-e-gera-polemica-entre-fieis.ghtml>. Acesso em 07/05/2018.

da inclusão. O evangelho é porta estreita sim, é um amor exigente, mas é uma porta sempre aberta. Deus nunca fecha porta para ninguém". E o repórter continua relatando a fala do bispo:

Por isso, talvez, seria momento, assim como fomos capazes de dar um salto, na sabedoria do evangelho, de vencer a escravidão; não está na hora de a gente dar um salto, na perspectiva da fé, e superar preconceitos contra os nossos irmãos homoafetivos?

Conforme Jácome, o bispo de Caicó traz à tona a polêmica afirmação: a homoafetividade é um dom de Deus. "Se não é escolha, se não é doença, na perspectiva da fé só pode ser um dom", algo contra o qual não adianta lutar, restando a aceitação.

Apesar da forma ainda acanhada e conservadora, a era do Papa Francisco surge como sinal da busca por uma nova ética sexual católica. Afirmações como as que fez durante entrevista que concedeu à repórter da rede Globo, Ilse Scamparini,¹³ que o acompanhava no voo de volta à Itália depois da visita de uma semana ao Brasil, em 29 de julho de 2013, trazem um viés renovador. Sobre os homossexuais ele afirmou à repórter: "Se uma pessoa é gay, busca Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?"

É no comportamento do cidadão comum que se pode perceber as maiores e mais rápidas mudanças da sociedade contemporânea. Segundo Souza (1982), como instituição de uma sociedade complexa, em transformação contínua, a Igreja não pode se pretender unívoca, pois assim como a sociedade da qual faz parte, nela estará presente o cruzamento de discursos e práticas contraditórios. Os indivíduos de hoje são fruto do pluralismo cultural e religioso. Talvez mais reflexivos, parecem estar mais conscientes dos limites da interferência eclesiástica na vida privada e mais independentes em relação aos dogmas e imposições morais que não se coadunam com suas práticas cotidianas. Como já afirmava Pierucci (1987, p.7),

Ser católico (mesmo praticante) e desobedecer às normas da Igreja não são realidades que se excluem mutuamente; colidem muitas vezes, mas se misturam sempre, em uma grande variedade de modos, na vida e no auto-reconhecimento dos diferentes grupos de fiéis.

Harmonizar o discurso com a prática é o grande desafio. Espera-se que a Igreja Católica tenha aprendido sobre a homossexualidade com a disseminação do conhecimento e com o sofrimento das pessoas. Esse processo lento - mas progressivo - de respeito e acolhida para com os pertencentes aos grupos LGBTQ+, tem se configurado em experiências pioneiras e animadoras. Grupos de pastorais católicas que representam a diversidade sexual já estão surgindo, com o conhecimento e autorização das autoridades eclesiais. Em Belo Horizonte temos dois exemplos. Um deles, o primeiro na Arquidiocese, funciona no Santuário São Judas Tadeu, localizado na região nordeste da cidade, desde agosto de 2016. O objetivo do grupo, que trata da homossexualidade, é semear atitudes não preconceituosas na Igreja. A iniciativa, que enfrentou oposição no início, chegando a constar como "denúncia" em um site internacional católico, tem demonstrado ser uma conquista importante, dados o aumento dos participantes e a volta de católicos afastados da igreja de São Judas Tadeu. Em entrevista feita por Juliana Cipriani (2017),¹⁴ o pároco do Santuário São Judas Tadeu afirma:

¹³ SCAMPARINI, Ilse. **Papa Francisco fala sobre gays e ganha manchetes pelo mundo**. Jornal Nacional, Portal G1. Edição de 29/07/2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/07/papa-francisco-fala-sobre-gays-e-ganha-manchetes-pelo-mundo.html>. Acesso em 08/05/2018.

¹⁴ CIPRIANI, Juliana. Santuário São Judas Tadeu tem primeira Pastoral da Diversidade Sexual. Estado de Minas. Edição de 12/06/2017. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/06/12/interna>

Assim como a nova postura do papa, a Pastoral da Diversidade Sexual causou reações na Igreja. [...]. Apesar disso, os resultados do grupo são sensíveis. Tenho visto famílias voltando para a Igreja, se reconciliando, e para ver o fruto desse trabalho vale a pena toda crítica e todo desentendimento.

Na internet encontram-se outras experiências que também advogam a diversidade, tal como o *Diversidade Católica* que atua no ambiente virtual¹⁵ desde 2007. Criado no Rio de Janeiro, declara a aceitação de iniciativas em favor da dignidade e da cidadania LGBT, tanto na Igreja católica quanto em outras religiões. Os idealizadores assim se apresentam e justificam a sua existência:

Somos um grupo de leig@s crist@s católic@s [sic] que acredita na possibilidade de viver identidades aparentemente antagônicas: ser crist@ católic@ e ser LGBT.

Desejamos fornecer subsídios teológicos e pastorais que ajudem a conciliar estas identidades. Sabemos que a fé cristã é totalmente inclusiva – em todos os sentidos – e jamais excludente. O próprio termo “católico” quer dizer “universal” e “abrangente”.

As ações e palavras de Cristo nos evangelhos deixam bem claro que tod@s são chamad@s a viver a filiação divina no amor, independentemente de qualquer condição ou identidade.

O chamado ao amor é universal. O que Jesus condena com extrema dureza é a hipocrisia, a discriminação, a soberba de qualquer tipo. Ele está sempre ao lado dos mais excluídos, pobres e marginalizados (na sua época, preceitos religiosos, interpretações humanas da vontade de Deus, excluía categorias de pessoas consideradas “impuras” para a prática da fé, como leprosos, cobradores de impostos e prostitutas).

O lugar para viver e crescer nesse amor universal é a Igreja, comunidade dos que creem em Cristo. É importante frisar que a palavra Igreja designa todos que vivem a fé cristã: leig@s, clero e membros de congregações religiosas.

A condição básica para ser Igreja é vivenciar a fé em Cristo na comunidade, independentemente da orientação sexual ou identidade de gênero d@s fiéis. Quem quer viver de forma digna e bela sua orientação ou identidade, sendo ou não celibatári@, pode contar com os auxílios da graça de Deus.

As considerações anteriores levam a refletir e chegar a uma constatação semelhante à que o Frei Ricardo Aguadé, publicou em seu blog¹⁶: mais que uma ética cristã sobre o a homossexualidade, existe uma realidade humana a ser alcançada que dispensa valorações morais excludentes. No caso do cristianismo, trata-se de observar e reconhecer que a maior incompatibilidade não se encontra no fato de ser cristão e homossexual, mas sim em ser cristão e não encontrar solidariedade da parte de outros cristãos, ser cristão e ser homofóbico, ser cristão e ser racista,

gerais.875818/santuario-sao-judas-tadeu-tem-l-pastoral-da-diversidade-sexual-de-bh.shtml. Acesso em 11/05/2018.

¹⁵ <http://www.diversidadecatolica.com.br/quem-somos/>

¹⁶ <https://rumosnovos-ghc.blogs.sapo.pt/e-cristao-ser-gay-72035>. Acesso em 22/04/2018

ser cristão e ser corrupto. Uma mirada sobre a realidade da igreja nos dias de hoje nos mostra que, de fato, como diria Claude Lévi-Strauss, essas são categorias empíricas “boas para pensar”.

Conclusão

Das omissões, meias palavras e ambivalências constantes do documento de Medellín, no que se refere à homossexualidade, parece que a Igreja Católica esboçou a necessidade de uma nova ética/moral sexual, cujo enfrentamento, porém, ainda é vacilante por parte da sua oficialidade. Toda a crise e cenário das poucas mudanças na concepção da moral sexual católica, desde o Concílio Vaticano II (1962-1965) e o seu *referendum* para a América Latina ocorrido em Medellín, somados às demandas dos fieis contemporâneos, parecem acenar para a iminência de uma ética religiosa renovada. Uma abertura para o diálogo e para a incorporação do respeito às diferenças na cultura católica começa a ser vislumbrada no cenário da ética cristã, sobretudo devido às iniciativas de leigos, voltadas para a discussão e implementação de ações concernentes. A complexidade e a velocidade das mudanças mostram-se demasiadas para o ritmo das instituições religiosas, sobretudo para a Igreja Católica, tradicionalmente conservadora. Os discursos de teólogos, moralistas e pastores católicos, ainda que carregados de uma convicção discursiva libertadora e do desejo por renovação, acontecem num ambiente “clandestino” e abafado pela autoridade máxima. O poder institucional ainda se presta à manutenção de uma hegemonia heterossexual e machista.

Pode-se observar ainda que os meios de comunicação têm um papel fundamental, na medida em que permitem a comunicação independentemente da presença física dos interagentes e expõem mais as pessoas ao mundo LGBT, podendo assumir o papel de espaço público, educando, trocando e conferindo sentidos.

A verdade é que a moral religiosa ainda encontra desafios até mesmo para os relacionamentos entre pessoas heterossexuais, tais como são as questões do divórcio, do aborto, do comportamento reprodutivo, das infidelidades conjugais e da violência sexual. O esforço de humanizar a sexualidade passa pela valorização da dignidade e da liberdade da pessoa, no qual a máxima essência do ensinamento cristão possa acontecer de forma positiva e igualitária, ou seja, todos precisam amar e ser amados. Insistir na negação da homossexualidade e na apologia ao relacionamento heterossexual como único caminho para o amor ideal e realização do ser humano é contradizer este esforço. Não se trata de um relativismo moral, no qual a permissividade exacerbada impere. Esta opção poderia criar outro equívoco, podendo também levar a sociedade a um processo de intolerância e violência. A existência de um direito para um indivíduo gera necessariamente um dever para outro. E o papel da moral social e religiosa continua sendo importante para harmonizar as relações nas sociedades e em seus espaços públicos, independentemente e apesar da liberdade e do livre arbítrio de cada indivíduo.

Esses espaços, entendidos aqui como locais variados de interação pública, de debate e confronto de ideias e argumentos, poderiam ter na ressignificação da religião em direção à interculturalidade e ao acolhimento e respeito à diversidade, um importante ator na arena política com papel relevante na afirmação identitária de grupos minoritários e na proposição de políticas públicas voltadas para eles. O papel da religião na própria constituição do espaço público, como definidora de códigos e valores de cidadania pode também ser reforçado e percebido em sua dimensão democrática e contribuir para sua inserção na sociedade contemporânea.

Porém, em um círculo vicioso, a Igreja Católica e a moral cristã têm repetido e representado uma postura de negação da sociedade, assim como muitos dos indivíduos de orientação homossexual o fazem: não tem a coragem de “sair do armário”. Esta postura de não assumir a própria identidade não gera outra coisa senão conflito e sofrimento. Tudo aquilo que é negado não pode ser redimido, ainda que não seja patológico ou iníquo. Pelo contrário; a negação da própria identidade pode ser a causa de uma patologia ou distúrbio. Neste sentido, a

ciência tem uma contribuição fundamental na construção de uma moral sexual mais justa para com a sociedade contemporânea.

A insistência na fuga destas questões e a inexistência de um diálogo mais aberto com a sociedade LGBTQ+ pode vir a ser uma das causas mais importantes para explicar a perda de um número cada vez maior de fiéis católicos. E, para os filhos das sociedades e famílias ainda tradicionalmente católicas e cristãs, o sofrimento pelo sentimento de culpa e noção de pecado persistirá. Enquanto isso, as pessoas estarão divididas em grupos que se estranham, não se compreendem e não se aceitam. Neste sentido, a falta de acolhida e reconhecimento continuará gerando intolerância, ódio e violência.

Referências

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BISPO diz que homossexualidade é dom de Deus e gera polêmica entre fiéis. *Gl.Globo*; Rio Grande do Norte, 04.ago.2017. Disponível em: <https://gl.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/no-rn-bispo-diz-que-homossexualidade-e-dom-de-deus-e-gera-polemica-entre-fieis.ghtml>. Acesso em 25/10/2017.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1997. p. 283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.

Carta Apostólica *Laetamur Magnopere – Constituição Apostólica Fidei Depositum*. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1992. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html. Acesso em 08/05/2018.

CÉSAR, Marília de Camargo. *Entre a cruz e o arco-íris: a complexa relação dos cristãos com a homoafetividade*. Belo Horizonte: Ed. Guternberg, 2013.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Persona humana: declaração sobre questões de ética sexual*, 1975. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_1975_1229_persona-humana_po.html. Acesso em 08/05/2018.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre o atendimento pastoral das pessoas homossexuais*, 1986. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19861001_homosexual-persons_po.html. Acesso em 08/05/2018.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Notificação sobre alguns escritos do R.P. Marciano Vidal, C.Ss.R.*, 2001.

DECLARAÇÃO do Papa Francisco sobre gays gera reações. *Gl. Globo*; 29.jul.2013. Disponível em: <http://gl.globo.com/mundo/noticia/2013/07/declaracao-do-papa-francisco-sobre-gays-gera-reacoes.html>. Acesso em 25/10/2017.

Estado de Minas. https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/06/12/interna_gerais,875818/santuario-sao-judas-tadeu-tem-l-pastoral-da-diversidade-sexual-de-bh.shtml. Postado em 12/06/2017 06:00 / atualizado em 12/06/2017 15:48. Acesso em 11/05/2018.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL. *A alegria do amor* – sobre o amor na família. 2016. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost-exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html. Acesso em 25/10/2017.

FURTADO, Maria C.S; CALDEIRA, Angela C. G. P. Cristianismo e diversidade sexual: conflitos e mudanças. *Fazendo Gênero – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. n.9, ago. 2010.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

JÁCOME, Igor. Portal G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/no-rn-bispo-diz-que-homossexualidade-e-dom-de-deus-e-gera-polemica-entre-fieis.ghtml> Por Igor Jácome, G1 RN, 04/08/2017 16h39. Atualizado 04/08/2017 20h17. Acesso em 07/05/2018.

Jornal Nacional, Portal G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/07/papa-francisco-fala-sobre-gays-e-ganha-manchetes-pelo-mundo.html>~Edição do dia 29/07/2013, 21h25 - Atualizado em 29/07/2013 21h25. Acesso em 08/05/2018.

ORTIZ, Renato. *Universalismo e diversidade*. São Paulo: Boitempo, 2015.

PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira – *Igreja: Contradições e Acomodação – Ideologia do Clero Católico sobre a Reprodução Humana no Brasil*. Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) Cad.30. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1978.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ: Compêndio da Doutrina Social da Igreja, 2004, Capítulo V, item 228. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_c ompendio-dott-soc_po.html. Acesso em 09/05/2018.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *Classes populares e Igreja nos caminhos da História*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1982.

VIDAL, M., C.Ss.R. *Notificação sobre alguns escritos do R.P.* Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20010515_vidal_po.html. Acesso em 11/05/2018.